



XX ENANCIB

21 a 25 Outubro/2019 – Florianópolis

A Ciência da Informação e a era da Ciência de Dados

ISSN 2177-3688

GT-3 – Mediação, Circulação e Apropriação da informação

MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO PARA MUSICISTAS CEGOS

MEDIATION OF INFORMATION FOR BLIND MUSICIANS

Layara Feifer Calixto Seco – Universidade Estadual de Londrina

Sueli Bortolin – Universidade Estadual de Londrina

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Esta pesquisa procede da percepção de escassez de trabalhos que abordam aspectos sobre mediação e inclusão informacional de deficientes visuais no âmbito da Ciência da Informação no Brasil. Trata da relação entre as bibliotecas e seus atores, atuando como mediadores da informação, e musicista cego, como usuário mediado. Discorre sobre a inclusão e acessibilidade no Brasil, visto que são muitos os desafios enfrentados pelos indivíduos com deficiência visual em uma sociedade essencialmente vidente. Possui enfoque qualitativo; utiliza-se da técnica de amostragem denominada Snowball para conhecer as características da população. Com esta técnica conseguiu-se o número de nove participantes distribuídos entre Sul, Sudeste e Norte do Brasil. Tem a Questão Gerativa da Narrativa como técnica de coleta de dados. Observou-se na análise a inconsistência das bibliotecas na garantia do acesso democrático à informação, mesmo que a tentativa de contribuição para ações inclusivas seja frequente. A mediação da informação foi temática pouco abordada pelos sujeitos da pesquisa, visto que o acesso a materiais didático-musicais acessíveis em formatos tradicionais em *braille* e tecnológicos ainda é precário no Brasil, tornando os musicistas cegos usuários pouco ou nada frequentes nas bibliotecas.

Palavras-Chave: Mediação da Informação; Musicista Cego; Acessibilidade.

Abstract: This research proceeds from the perception of a shortage of papers that deal with aspects about mediation and informational inclusion of the visually impaired in the scope of Information Science in Brazil. It deals with the relationship between libraries and their actors, acting as mediators of information, and blind musician, as a mediated user. It discusses inclusion and accessibility in Brazil, since there are many challenges faced by visually impaired individuals in an essentially seer society. It has a qualitative approach; The technique called Snowball Sampling is used to know the characteristics of the population. With this technique the number of nine participants was distributed between South, Southeast and North of Brazil. It has the Generative Question of Narrative as technique of data collection. The analysis included the inconsistency of the libraries in guaranteeing democratic access to information, even if the attempt to contribute to inclusive actions is frequent. The mediation of the information was not very much approached by the research subjects, since access to didactic-musical materials accessible in traditional braille and technological formats is still precarious in Brazil, making blind musicians users little or nothing frequent in libraries.

Keywords: Mediation of Information; Blind Musicist; Accessibility.

1 INTRODUÇÃO

A informação é primordial à vida diária em sociedade, visto que é por meio dela que o conhecimento é adquirido e disseminado favorecendo o desenvolvimento das ciências. Porém, fica adstrita apenas a uma maioria que detém as capacidades físico-psíquico-motoras em sua plenitude, assim como ao meio escrito. Embora a sociedade atual favoreça a apropriação da informação, disponibilizando e disseminando conteúdos em suportes diversificados, as pessoas afetadas pela deficiência visual enfrentam dificuldades no acesso à informação, pois grande parte desta é disponibilizada para leitura óptica, causando obstáculos no desempenho de atividades essenciais no cotidiano e tornando-as dependentes.

A maior dificuldade no processo informacional está associada ao baixo número de documentos escritos em técnica apropriada e títulos disponíveis em áudio. A disponibilização da informação para que seja de fácil acesso precisa ter o apoio de ações que permitam ao usuário identificar o que há sobre o assunto de seu interesse e como obtê-lo. Dessa maneira, a biblioteca não pode ficar limitada a um perfil de usuário que utiliza os meios tradicionais.

No processo de mediação os atores das bibliotecas podem auxiliar os usuários na busca por informação que satisfaça suas necessidades, proporcionando momentos não apenas para a apropriação do conhecimento disponível, mas incentivando a criação de novos conhecimentos e consciência crítica. A esse profissional compete assumir um compromisso com a ética e com o desenvolvimento da área, refletindo que a constante capacitação é essencial para o crescimento na profissão, repercutindo em um atendimento mais adequado às necessidades informacionais dos usuários com deficiência.

Assim, precisa assumir sua função como disseminador da informação, disponibilizando conteúdos a todos os usuários e oferecendo condições para que estes se sintam parte das instituições e utilizem sua infraestrutura sem constrangimento. “Ao disponibilizar serviços especiais para todo e qualquer usuário, real ou potencial, deficiente ou não, a unidade de informação estará contribuindo para o crescimento do indivíduo e para o desenvolvimento da comunidade” (SOUZA *et al.*, 2013, p.13).

Em uma sociedade que valoriza a flexibilidade e rapidez na busca pela informação de maneira eficiente, a biblioteca está envolta em um ambiente diversificado, repleto de desafios e exigências diretamente relacionadas com o desempenho ético. Entretanto, para

que ela atue no processo de mediação e apropriação da informação, necessita ter profissionais capacitados, possuir um ambiente e acervo adequados para oferecer as condições fundamentais para esse processo.

Para execução de alguma peça musical (instrumental ou vocal) o acesso à informação se dá principalmente por meio da leitura de partituras e, no caso dos musicistas deficientes visuais, as dificuldades encontradas se referem à escassez de partituras transcritas para o sistema *braille* e à falta de iniciativas a favor da disseminação da notação musical para pessoas cegas, prejudicando o desenvolvimento educacional e cultural desses indivíduos. Borges (1996) certifica que é essencial à educação e cultura das pessoas a leitura de livros, mas o acesso dos deficientes visuais é impedido se não lhes forem ofertadas as publicações no sistema *braille* ou softwares especializados que possibilitam a leitura.

Desse modo, foram estabelecidos os seguintes objetivos de pesquisa: como objetivo geral procurou-se investigar a perspectiva que os deficientes visuais têm acerca da mediação da informação em bibliotecas no processo de apropriação da informação. Como objetivos específicos: 1) Analisar se ocorre o processo de mediação da informação para os deficientes visuais musicistas na biblioteca visando a sua inclusão; 2) Investigar o papel da biblioteca inclusiva na mediação e suas iniciativas no atendimento aos usuários com deficiência visual, na perspectiva dos musicistas cegos; 3) Analisar, na perspectiva dos musicistas com deficiência visual, se a biblioteca está contribuindo para a construção de um local inclusivo.

2 MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO E BIBLIOTECAS INCLUSIVAS

Gomes (2008) discorre que o processo complexo da construção do conhecimento se estabelece individualmente e coletivamente, quando as pessoas interagem entre si e com as informações, processando-as, para posteriormente se apropriarem do seu conteúdo a partir de sua forma pessoal de análise, tendo em vista sua capacidade de aprendizado. Ademais, a relação do homem com mundo é essencialmente mediada, visto que a apropriação da informação ao seu redor ocorre somente com a participação de outro indivíduo. Sendo assim, cada pessoa interfere na construção do conhecimento de outras através da mediação da informação, pois todo processo ocorre por meio de apropriações (GARCIA; ALMEIDA JÚNIOR; VALENTIM, 2011).

Esse processo também depende da interação do indivíduo com as informações transmitidas pelos suportes e ambientes que preservam e disseminam os conteúdos

informacionais determinando o início do processo de construção do conhecimento e a interlocução dos conhecimentos adquiridos. Desse modo ocorre a mediação da informação (GOMES, 2008). A informação, conforme Fadel e colaboradores (2010, p.18), “[...] não existe antecipadamente, não se materializa como mercadoria, ao contrário, subjetiva, propicia a transformação do conhecimento quando apropriada”, cria conflitos, dúvidas, curiosidades, não é vista como fator excludente de incerteza. Passageira, ocorre apenas na relação do indivíduo com o suporte e a apropriação.

A apropriação, defendida por Fadel e colaboradores (2010, p.18) é compreendida como um meio para alteração, modificação e transformação do conhecimento; e com esse conhecimento o indivíduo relaciona-se com o mundo. “A ideia de apropriação pressupõe entendimento. O acesso físico aos suportes apenas inicia o processo de apropriação, não sendo de nenhuma maneira sua conclusão”. Para Almeida Júnior (2004, p.75; 2007, p.36) “[...] a apropriação da informação se dá no processo de mediação. A concretização efetiva da informação só pode ser determinada pelo usuário”, “[...] sendo uma ação de produção e não meramente de consumo”.

O processo de conhecimento envolve a mediação que, conforme Garcia, Almeida Júnior e Valentim (2011, p. 352), “[...] é uma ação humana e uma prática constante da vida”, possibilitando as relações entre os sujeitos e conhecimento do mundo, complementando, “[...] a mediação da informação é uma ação que está presente em todo o processo informacional”. Almeida Júnior (2015, p. 25), discorrendo sobre o significado de mediação da informação, afirma que ela é

Toda ação de interferência – realizada em um processo, por um profissional da informação e na ambiência de equipamentos informacionais —, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; visando a apropriação de informação que satisfaça, parcialmente e de maneira momentânea, uma necessidade informacional, gerando conflitos e novas necessidades informacionais.

A mediação, segundo Almeida Júnior (2009, p. 93) acontece de dois modos no campo de atuação do bibliotecário. A mediação explícita “[...] ocorre nos espaços em que a presença do usuário é inevitável, é condição sine qua non para sua existência, mesmo que tal presença não seja física”, como complementam Fadel e colaboradores (2010), realiza-se com uma relação formal entre equipamento informacional e usuário.

A mediação implícita, “[...] ocorre nos espaços dos equipamentos informacionais em que as ações são desenvolvidas sem a presença física e imediata dos usuários” (ALMEIDA JÚNIOR, 2009, p. 93), e, verifica-se nas ações e trabalhos desenvolvidos pelo profissional da informação, tanto no armazenamento, quanto no processamento. Qualquer ação, dentro do fazer do profissional da informação, deve ter a apropriação da informação por parte do usuário, como seu objetivo principal. Sem isso, a ação justifica-se por si mesma e se consome em seu próprio espaço, em seu próprio fazer.

Um processo de mediação nem sempre ocorre com neutralidade ou imparcialidade. Este sempre será um exercício intencional em que indivíduo mediador e indivíduo mediado interferem e também sofrem influências dos conceitos pessoais preestabelecidos da sociedade, da política, da economia e da cultura em que estão imersos (BORTOLIN, 2010). Como afirma Santos Neto (2014, p. 72)

[...] a mediação é interferência, posicionamento. Ela não deve ser neutra nem passiva, ainda que alguns acreditem que ela seja imparcial. Há também a noção de que a mediação atua com intenção manipuladora. No entanto, destacamos que a mediação possui caráter colaborativo.

A preocupação com a manipulação da informação é referida por Gomes (2014, p. 53) no sentido de que a “[...] consciência e a competência para interferir evitando a manipulação são dependentes da conduta ética associada a busca de identificação de sinais que indiquem” conforto, cumplicidade e confiança resultantes da ação mediadora. Isso implica no desenvolvimento de habilidades para “[...] acolher, ouvir e dialogar com o outro”, escutar e observar os comportamentos produzidos através da mediação, adesão de concepções que vetem a censura e o “[...] direcionamento do acesso à informação que desconsidere a igualdade de direitos e a liberdade de pensamento”.

A informação ocorre quando há troca entre indivíduo e suporte a partir de dados fornecidos/encontrados e formação de raciocínio crítico, de outro modo, é apenas um dado. A informação é útil apenas quando há significado para o sujeito, isto é, “[...] só se dá na interação com o sujeito, ela pode ser entendida e compreendida de “n” maneiras por diferentes indivíduos” (SANTOS NETO; ALMEIDA JÚNIOR; VALENTIM, 2013, p. 183).

Fadel e colaboradores (2010, p. 19) defendem que a preocupação da Ciência da Informação deve concentrar-se não somente em informações científicas e tecnológicas, mas, de igual modo, em informações públicas e sociais, em tecnologias, não tornando-as

substanciais, isto é, “[...] seu campo abarca ações, práticas, fazeres, pesquisas, estudos e reflexões em que elas estejam ou não presentes”. Também deve preocupar-se com a informação não registrada, presente na disseminação e mediação da informação e da leitura; e, “[...] com a recepção da informação, com as influências, manipulações, ideologias que ela carrega em seu bojo”, direcionando os interesses para as divergências de “[...] concepções que estão presentes na construção do conhecimento”.

Almeida (2007), discorrendo sobre a mediação da informação, salienta que esta ocupa-se desde concepções de atendimento ao usuário, à atividades de agentes culturais em instituições – museu, biblioteca, centro cultural, arquivo -, elaboração de produtos visando persuadir indivíduos em um determinado universo de informações e vivências (educação, arte, entre outros), e, construção de políticas de capacitação ou acesso às TICs.

Duarte (2012) declara que a mediação da informação faz-se relevante em instituições como bibliotecas, arquivos e museus, visto que é crescente o volume de informações circulantes em suportes diversificados, juntamente com a independência do usuário nos processos de busca. Tal situação conduz à reflexão do papel do profissional da informação no futuro próximo. Santos Neto (2014, p.81) concordando, relata que, a mediação está cada vez mais presente. “O que deve ser atentado é a questão da ‘invasão’ cada vez maior das tecnologias nos ambientes informacionais, influenciando e determinando as ações desses profissionais”.

Como afirma Gomes (2014), a constante atualização tecnológica proporciona alterações no processo de construção de sentidos, devido à diversificação dos dispositivos tecnológicos, trazendo demandas inovadoras ao profissional da informação, exigindo especial atenção deste quanto ao uso de tais dispositivos e ao desenvolvimento de estratégias e programas de formação de usuário. Desse modo, o bibliotecário, dispondo de todo o cuidado ético, tem por missão intermediar, possibilitar e facilitar o acesso ao conhecimento gerado em algum suporte físico ou digital, a todas as pessoas que o buscam (PUPO, 2006), visto que estas dispõem do mesmo privilégio de desfrutar dos avanços da humanidade.

As bibliotecas e bibliotecários precisam assumir as mudanças, transformar-se em membros ativos abandonando características de passividade e isolamento, capacitando-se para atender a demanda. Dessa forma, o bibliotecário é essencial na execução e efetivação

de bibliotecas inclusivas (CAMPELLO, 2003; CONEGLIAN; SILVA, 2013) e precisa oferecer serviços e produtos diferenciados, adaptados às limitações e potencialidades dos usuários.

Portanto, conhecer as características e necessidades dos usuários efetivos e potenciais é essencial para construir e gerir serviços e produtos informacionais para subsidiar atividades e atender as necessidades informacionais do público-alvo, de outro modo, o indivíduo que possui [ou não] outras opções de acesso à informação terá preferência pela que estiver mais acessível ou a que mais se identifica, mesmo que não seja necessariamente a melhor.

Esse aspecto pode estimular distanciamento crescente do usuário para com a biblioteca (FADEL *et al.*, 2010). A falta desse conhecimento pode impedir o desenvolvimento de práticas que auxiliem o uso das bibliotecas por pessoas com deficiência, portanto, atitudes concretas precisam ser tomadas em favor desse público. Gomes (2014, p. 49) dispõe que a mediação oportuniza a todos os envolvidos nesse processo o encontro com novas possibilidades e potencialidades. A complexidade e, ao mesmo tempo, a humanidade que envolvem o processo de mediação demandam que se alcance maior clareza quanto à importância da posição, disposição, responsabilidades e cuidados que precisam ser conscientemente assumidos pelo agente mediador.

O encontro entre a ação mediadora com o usuário carente de informação e a informação pertinente depende da comunicação através de linguagens adequadas e dispositivos de comunicação, inclusive o domínio destes pelo mediador, visto que ele é o agente de aproximação entre polos para promover o conhecimento e o domínio dos recursos por parte dos indivíduos envolvidos na ação mediadora (GOMES, 2014, p. 50).

Gomes (2014, p. 52) afirma que nesse processo ocorre o compartilhamento, a cooperação, abertura de diálogos e movimento que “[...] desestabiliza e estabiliza conhecimentos”, permite críticas e criatividade, além da comunicação entre velho e novo, “[...] o que confere a ação mediadora certa característica de substrato ao autoconhecimento e ao entrelaçamento da humildade e da autoestima dos interlocutores dessa ação”, outorgando beleza à mediação da informação e tornando-a prazerosa a quem a experimenta.

As carências no acesso à informação e cultura no Brasil mostram com veemência o quão insuficientes são as unidades de informação dispostas nas cidades, especialmente periféricas, do país, encontrando-se em alguns desses locais profissionais incapacitados para

orientar o indivíduo na busca por informação. Grande parcela da população brasileira é desprovida de informação que leve à reflexão e pensamento crítico, ficando preterida de decisões cotidianas importantes (vide políticas) a respeito do território brasileiro.

Perrotti e Pieruccini (2007) comentam que as bibliotecas precisam buscar o modelo de apropriação da informação, estimulando diálogos essenciais para formar protagonistas culturais, pois constituem-se um importante dispositivo cultural que permite a preservação, disseminação, acesso e uso da informação. Além disso, possibilitar o acesso livre à informação a pessoas com deficiência é um objetivo significativo a ser alcançado, por estar em conformidade com políticas públicas e respeitar a dignidade das pessoas com deficiência. Desse modo, bibliotecas precisam atuar como impulsionadoras e disseminadoras do conhecimento humano e eliminar e/ou minimizar atitudes de distanciamento social (CONEGLIAN; SILVA, 2013).

Como afirma McIntyre (2004) citado por Coneglian e Silva (2013), biblioteca inclusiva não é aquela específica para, por exemplo, deficientes visuais com a totalidade do acervo disponível em *braille*, mas a que atende toda a demanda de indivíduos de maneira democrática, de forma que todos os usuários possam ter acesso e utilizar os serviços e acervos, conforme suas particularidades.

As bibliotecas no Brasil precisam se preparar para atuar como instrumento de avanço da inclusão, em que o direito à educação democrática é assegurado pela legislação vigente (ANTUNES; CAVALCANTE, 1989). As reflexões sobre temas relacionados à deficiência são multidisciplinares e precisam estar inclusos nos programas de formação dos bibliotecários, dadas as mudanças e evoluções que ocorrem no campo de estudo da Ciência da Informação. Assim, devem abordar as lacunas e atualizar seus conhecimentos e habilidades para colaborar com a busca e satisfação das necessidades informacionais dos usuários (WALLING, 2004). A atuação dos bibliotecários junto a instituições governamentais e privadas torna-se importante para fortalecer o trabalho das bibliotecas.

Sobre a acessibilidade nas bibliotecas universitárias do Brasil, Silveira (2000) afirma que são poucas as unidades que incorporam em seu planejamento garantias de acesso integral a deficientes, prevalecendo recursos informacionais projetados para o atendimento de usuários julgados fisicamente “normais”, ocorrendo a inacessibilidade parcial ou total à informação disponibilizada pela biblioteca, devido à falta de tecnologias alternativas desenvolvidas especialmente para utilização de usuários com deficiência visual. Também são

raras as universidades, escolas e bibliotecas que possuem profissionais capacitados e estrutura adequada para atender a essa demanda.

“A justificativa para o descaso com o deficiente, aluno universitário, baseia-se geralmente na alegação de que é pequeno o número de pessoas [com] deficiência nas instituições de ensino superior”. Entretanto, pode-se dizer que há demanda reprimida de público universitário em potencial, e, se houvessem condições favoráveis à inclusão no ambiente acadêmico seria crescente o número de indivíduos dispostos a estudar em uma Universidade. “Para aquele que, apesar do elenco de dificuldades iniciais impostas, conseguiu ingressar no meio acadêmico, outras dificuldades aparecem, sugerindo continuidade de descaso pelo deficiente”, por causa de sua condição de aluno com necessidades especiais. “Na maioria dos casos, passam a depender da boa vontade de colegas ou da de voluntários que se dispõem para leituras de textos, apostilas, livros e artigos constantes da bibliografia básica das disciplinas cursadas”. (SILVEIRA, 2000, p. 2-3). Acrescenta-se aqui a leitura (ditado) voluntária de partituras realizadas para auxílio de alunos com deficiência visual nos cursos de Música do país.

Contrapondo a afirmação de Silveira (2000) sobre a acessibilidade nas bibliotecas universitárias, destaca-se o trabalho realizado pelo Laboratório de Acessibilidade (LAB) inaugurado em 2002 na “Biblioteca Central Cesar Lattes” (BCCL) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). O LAB oferece serviços especializados com a utilização de tecnologias de informação e comunicação, viabilizando a inclusão de universitários com necessidades especiais, facilitando o acesso à informação, como serviços bibliotecários; digitalização de textos; elaboração e produção de materiais e avaliações; composição de acervo de livros digitais e material produzido em MP3; e, musicografia *braille*, realizando atividades do acordo de cooperação entre a BCCL e o Instituto de Artes (SISTEMA..., [2017?]). O LAB conta com o auxílio do professor e pesquisador Vilson Zattera, deficiente visual, que atua na área de desenvolvimento de programas voltados à musicografia *braille* e projetos de acessibilidade.

A educação musical é uma contribuição ao processo de amadurecimento humano tornando-se instrumento significativo de inclusão de alunos com deficiência nas instituições de ensino, visto que esses indivíduos vivenciam o isolamento em suas práticas diárias. A biblioteca, sendo o coração de tais instituições, é o local de encontro de saberes em que todos têm direito de expressar-se e construir novos modos de percepção do mundo. A

inclusão na educação musical é uma forma de o sujeito demonstrar suas potencialidades e vivenciar o sentimento de pertencimento gerado nesses momentos auxilia no crescimento de sua autoestima, fazendo com que ele se sinta aceito, tornando-se realmente parte da sociedade. “O sentimento de pertença é um grande passo para a desconstrução da identidade estigmatizada que os acompanha” (SANTOS, 2008, p. 6).

Desse modo, o acesso à informação oportuniza novas possibilidades para as pessoas construírem uma sociedade mais justa e igualitária. Às bibliotecas compete construir uma sociedade inclusiva, priorizando a justiça, a isonomia e o acesso e uso democrático da informação, com responsabilidade social. Portanto, precisa contribuir concretamente para que todos, sem distinção, tenham acesso à informação, ao conhecimento e a tudo o que uma unidade de informação possa oferecer, contribuindo para que a cidadania seja exercida (SOUZA *et al.*, 2013). Para tanto, tornou-se necessária a aplicação prática da pesquisa para que fossem alcançados os objetivos propostos no início deste trabalho.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, tendo como eixo desta investigação a análise dos dados logrados pelas narrativas dos entrevistados, visando obter sentidos que possam contribuir para a compreensão do que está sendo indagado. O universo desta pesquisa é formado pelo conjunto de musicistas com deficiência visual, brasileiros, que utilizaram ou utilizam, efetiva ou potencialmente, serviços de bibliotecas.

A estruturação do universo de pesquisa e a definição da amostra ocorreram por intermédio da técnica Snowball Sampling. Conjectura-se que os membros da população-alvo se dispõem a identificar outros indivíduos e auxiliam o pesquisador a encontrá-los. A amostra desta pesquisa é formada por musicistas cegos das regiões brasileiras Sul, Sudeste e Norte, motivada pela localidade em que residem os participantes da pesquisa, indicados durante a aplicação do Snowball. No quadro 1 a seguir estão dispostos dados referentes à formação acadêmica dos sujeitos entrevistados:

Quadro 1: Sujeitos da pesquisa

Sujeitos	Formação Acadêmica
S1	Graduado em Música
S2	Graduando em Música
S3	Ensino Médio Completo

S4	Mestre em Música
S5	Graduado em História
S6	Está em seu segundo PhD na área de Música
S7	Graduado em Música
S8	Graduando em Música
S9	Graduado em Música com especialização em Educação Especial

Fonte: Dados da pesquisa

As entrevistas foram realizadas no período de outubro a dezembro de 2016. Realizou-se a pesquisa utilizando a técnica de coleta de dados denominada Entrevista Narrativa, sendo o instrumento constituído por uma questão gerativa da narrativa, visando indagar como os musicistas com deficiência visual se apropriam da informação.

Pode-se afirmar que o início do processo consiste em iniciar a narrativa com uma questão gerativa de narrativa referindo-se ao ponto principal da pesquisa e seu foco é incentivar a narração principal do entrevistado, que deve ser seguida por investigações mais aprofundadas da narrativa, contemplando as partes que ainda estivessem completamente detalhadas e, finalmente, realizando perguntas ao participante. A questão gerativa da narrativa utilizada nesta pesquisa foi elaborada da seguinte maneira:

Sabemos que a informação tem importância na sociedade atual e que pode ser disponibilizada em diversos meios (físico, digital, audiovisual, entre outros). Conte-me suas experiências na busca e acesso à informação em bibliotecas, centros de informação ou outros locais, especialmente na área musical.

Na estratégia para a análise de dados foi empregada a Análise do Discurso (AD), que consiste na análise textual ligada ao contexto social em que o autor do texto está inserido.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

As narrativas ressaltaram pontos significativos para a análise do discurso. Foram encontradas dificuldades variadas dos musicistas com deficiência visual para obterem acesso a partituras e materiais didáticos adaptados – e atuais – que possibilitem a continuidade dos seus estudos na área da Música. Muitos deles sequer têm acesso a esses materiais. Essa barreira no acesso impõe incertezas na iniciação ou continuidade dos estudos dos indivíduos com deficiência visual. Conforme Silva e Barbosa (2011), as constantes transformações

impostas à sociedade requerem dos indivíduos a rapidez e o envolvimento com o que ocorre ao seu redor. A informação tem valor substancial para a construção do conhecimento, a formação de uma sociedade justa e igualitária, além de ser componente indispensável para assegurar aos indivíduos o seu espaço de liberdade e autonomia.

A produção de material musicográfico em *braille* no Brasil é deficiente e dificultosa, sendo necessário um tratamento específico antes de disponibilizá-lo, para facilitar a leitura. Dificilmente o material que se encontra na internet e em seguida é transcrito para o *braille* poderá ser utilizado por musicistas com deficiência visual devido à complexidade da disposição dos caracteres dificultando a leitura. A independência que a aprendizagem da musicografia *braille* dá aos musicistas com deficiência visual é incomparável. Bonilha e Carrasco (2007, p.4) declaram que o aprendizado da musicografia *braille* converteu-se em um “fator de independência na assimilação do repertório de obras musicais estudadas”. Do mesmo modo como os educandos de Música videntes necessitam serem alfabetizados na musicografia convencional, os alunos cegos devem igualmente estar habilitados a ler e escrever partituras. Essa autonomia possibilita que estes indivíduos frequentem “espaços de formação musical, comum a todas as pessoas, o que encontra consonância com os pressupostos da educação inclusiva”.

Instituições jurídicas sem fins lucrativos, escolas e universidades diferenciam-se entre si em suas essências, mas são igualmente importantes para auxiliar no desenvolvimento e inclusão do indivíduo com deficiência visual no âmbito da educação musical. Atuando com uma filosofia inclusiva, possibilitam ao deficiente visual o desenvolvimento de habilidades musicais e podem oferecer materiais para aprendizagem, mesmo que em quantidade reduzida. Moreira, Bolsanello e Seger (2011) discorrem que as propostas de inclusão na educação básica necessitam de uma organização planejada e financiada para assegurar apoios, recursos físicos, humanos e materiais aos discentes com deficiência visual. As mesmas condições são necessárias ao ensino superior.

As universidades precisam dar oportunidades para o desenvolvimento dos cegos ao oferecerem um ambiente propício à aprendizagem desde que disponibilize a seus colaboradores treinamento adequado para lidar com questões relativas à deficiência. Conhecer a trajetória dos alunos com deficiência e promover intervenções de caráter atitudinal podem ser ações amigáveis e inclusivas realizadas pelas universidades durante o

ingresso d'aqueles à vida acadêmica, uma vez que este é um acontecimento que provoca apreensões naturais na maioria dos estudantes e a adaptação local torna-se constante.

Com relação à acessibilidade, é necessário promover mudanças atitudinais e estruturais, gerando ambientes atraentes e benéficos aos deficientes visuais, favorecendo a compreensão de convicções positivas que incorporem as diferenças como estado natural do ser humano e não como algo inconveniente. São condições que precisam ser construídas pela sociedade para garantir melhorias na qualidade de vida dos indivíduos. Na sequência, quanto ao acesso às partituras em *braille*, testemunhou-se que precisa de melhorias, uma vez que muitos deficientes visuais não têm conhecimento da existência da musicografia *braille* ou não dispõem de recursos para obtê-las.

Valente (1991) afirma que o respeito às peculiaridades de cada indivíduo consiste em um ponto prioritário para a inclusão. A informática tornou-se uma aliada das pessoas com deficiência atravessando barreiras, amenizando a discriminação social e apresentando suas potencialidades no processo de aprendizagem, busca, processamento e acesso rápido à informação. Os indivíduos têm a oportunidade de desenvolverem novas possibilidades para suplantar as necessidades, progredir na realização de atividades desafiadoras com finalidades educativas, além de adquirirem conhecimento, ultrapassar suas deficiências intelectuais e obterem maior autonomia.

Na trajetória para a inclusão social dos deficientes visuais as bibliotecas empenham-se em disponibilizar a informação em diversas maneiras possíveis. Refletir a respeito da diminuição gradual das barreiras atitudinais, arquitetônicas e comunicacionais/informacionais é algo necessário para garantir a todos o direito ao acesso aos diversos recursos tradicionais e tecnológicos que têm sua importância na interação do cego com o universo exterior e no auxílio para que estes sintam-se parte do processo de aprendizado.

Nos últimos anos as bibliotecas têm-se encontrado diante do desafio de acompanhar a atualização de tecnologias e ferramentas, além de atuarem não somente para disponibilização de serviços e produtos, mas reforçar seu papel social buscando melhores possibilidades de inclusão e mediação em seu ambiente. Tal desafio ocorre com maior frequência em bibliotecas acadêmicas em consequência da diversidade da população universitária e para cumprimento de normas previstas pelo MEC para credenciamento de cursos superiores.

A criação dessa norma tornou-se importante na medida em que constringe as bibliotecas universitárias a praticarem um arranjo adequado que favoreça a acessibilidade e inclusão. No entanto, a maioria das unidades de informação – independentemente de sua classificação ou tipologia – não possuem as condições mínimas para proporcionarem conforto, autonomia e atendimento especializado aos deficientes visuais. Atualmente as bibliotecas acadêmicas disponibilizam as informações na internet para oportunizar o acesso à informação atingindo um contingente significativo de usuários. Mas como afirma Silveira (2000), não convém discursar a respeito da democratização da informação, direitos políticos e civis, cidadania e ferramentas tecnológicas para usuários de unidades de informação se, em verdade, o que ocorre são possibilidades de acesso injustas, discriminatórias e desiguais.

Parafraseando Bonilha (2006), a sociedade não deve ser prosélita à inclusão que se realiza por obrigação à lei ou se estabelece sem propósitos consistentes, mas sim, ser um processo exteriorizado na mudança de concepções e atitudes por parte dos indivíduos nele envolvidos; ocorrendo efetivamente quando a biblioteca recebe qualquer usuário, e quando este demonstra ser prudente e equilibrado para enfrentar os desafios de sua formação. Em relação à formação musical do usuário, as bibliotecas estão muito aquém do minimamente desejável para atendê-los, sendo que partituras e materiais acessíveis em *braille* são considerados raríssimos, mesmo em universidades que oferecem cursos de graduação em Música.

As bibliotecas precisam visualizar essa demanda de usuários potenciais e mobilizarem-se para alcançá-los, visto que esses indivíduos necessitam de serviços especializados, com pessoas que os apoiem e auxiliem em sua busca pelo conhecimento. Com base nas narrativas pode-se dizer que, na maioria dos casos, as bibliotecas não estão preparadas para receber e auxiliar musicistas com deficiência visual na busca informacional. Esta é uma situação grave que precisa de mudanças urgentes. Ao bibliotecário é imprescindível o olhar atencioso às particularidades e necessidades dos usuários para que a mediação da informação ocorra constantemente, visto ser ele o responsável pela aproximação entre indivíduo e conhecimento, temática que não foi encontrada em muitos discursos dos sujeitos da pesquisa. Dentre os nove sujeitos, apenas dois utilizaram/utilizam bibliotecas, indicando preocupante exiguidade do acesso e mediação da informação nas unidades de informação pelo País afora, especialmente em localidades periféricas.

Um dos sujeitos da pesquisa atua como pesquisador na área de musicografia *braille* em uma importante biblioteca do Sudeste do Brasil. Como ocorre frequentemente seu contato com as práticas bibliotecárias, conseguiu expor compreensivelmente as dificuldades e os desafios aos quais as bibliotecas estão inseridas para tentarem atender essa demanda. Lembrando que esse sujeito reside em uma região metropolitana e estes territórios certamente dispõem de melhores recursos para pesquisas científicas e acesso à informação. Em seu discurso fez referência à evolução tecnológica e esforços praticados pelas bibliotecas nos últimos anos para transporem as dificuldades e buscarem recursos para disponibilização da informação a pessoas com deficiência visual; o anseio dos atores das bibliotecas na aprendizagem de novas técnicas e tecnologias para auxiliarem os deficientes na identificação de suas necessidades e buscas informacionais, visto que as bibliotecas estão em uma posição muito distante do que seria ideal. Salientou a importância de pessoas com deficiência frequentarem as unidades de informação e dialogarem com os profissionais das bibliotecas as maneiras mais adequadas para disponibilização da informação para esse círculo de usuários. A utilização de softwares pelas bibliotecas foi um aspecto positivo, mas contrasta com a falta de recursos financeiros – situação decorrente em boa parte do Brasil. Em sua narrativa defende que *“conseguir material diretamente na biblioteca seja pela internet, seja pela própria biblioteca que dispõe de material de música ainda é muito complicado. Se você pensar em termos de partituras, em termos de livros teóricos, que eu consiga diretamente na biblioteca e usar eles de uma maneira igual a que vocês videntes conseguem, não. Muito distante ainda. Mas, agora, quando é música mesmo, partitura e livros específicos, bibliografias específicas para o curso na área de instrumento ou vocal estamos bastante distante. Livros de teoria musical, orquestração, harmonia, essas coisas são bastante raras. São muito raras, por causa dessa dificuldade. E não é só o material, mas também qual a melhor maneira pra ensinar um aluno com deficiência, portanto, se formos falar friamente, nós – os deficientes visuais – estamos muito atrás em termos de acesso ao material com relação às outras pessoas. Em termos de biblioteca a ideia de inclusão é uma coisa bastante recente. E as pessoas, as bibliotecárias, as pessoas que trabalham dentro da biblioteca estão cada vez mais entrando em contato com essas tecnologias e essas ideias para nos auxiliar. Se a gente for até uma biblioteca e não souber como lidar com a coisa, as próprias bibliotecárias ou técnicas nos auxiliam nesse sentido. Então em termos de literatura musical a gente está com um acesso bastante bom. Nosso único problema são as partituras que têm*

que ser previamente preparadas por alguém que conhece profundamente a musicografia braille pra depois transcrever. Acho que as bibliotecas têm evoluído bastante nesse sentido e estão buscando cada vez mais recursos, por exemplo, aqui dentro da [Universidade] pra colocar esse material à disposição não só para as pessoas da [Universidade], mas como para qualquer Estado. Há um grande esforço das bibliotecas em tornar esse material acessível. As bibliotecas precisam muito de pessoas com deficiência que falem qual a melhor maneira de como colocar melhor esse material à disposição. E os bibliotecários têm que conhecer isso.”

Opiniões igualmente significativas foram mencionadas, como a não utilização de bibliotecas, concordando no aspecto da limitação de materiais acessíveis, especialmente partituras em *braille*; a colaboração de amigos no auxílio à pesquisa na biblioteca; a disponibilidade limitada de obras científicas para estudos e pesquisas, visto que os materiais não são adaptados; mesmo a Biblioteca Nacional, referência em difusão da produção intelectual do Brasil, foi apontada como ambiente com pouco acesso à informação para deficientes visuais, necessitando de leitores para realizar a leitura. A seguir serão apresentadas algumas das narrativas logradas na pesquisa.

Um entrevistado afirmou que *“se a gente for nas bibliotecas públicas, a gente não encontra muita coisa relacionada à Música. Eu não uso a biblioteca da Universidade”*.

Na mesma linha de pensamento, outro participante diz que *“essa parte de biblioteca, eu, quando estudei, aqui [no sul] ainda não tinha. Biblioteca é um negócio complicado”*.

Finalizando, o sujeito que necessitou de acompanhante para auxiliá-lo na narrativa dos fatos durante a entrevista relatou:

Sujeito: *Já usei biblioteca com a minha mãe pra fazer um trabalho na Biblioteca Nacional. Acompanhante:* *Quando nós fomos pra Biblioteca Nacional pra estudar aquele livro de História da Arte, relacionado à Música e História da Música Brasileira, Música Contemporânea, Renascentista, você encontrou material em braille ou você precisava de alguém pra ler pra você?* **Sujeito:** *Necessitava de alguém pra ler.* **Acompanhante:** *Se você fosse sozinho à biblioteca, pegaria um livro, faria a leitura?* **Sujeito:** *Se fosse em braille, sim.* **Acompanhante:** *Então você acha que falta material em braille pra você, vamos dizer, na Biblioteca Nacional?* **Sujeito:** *Falta sim.*

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na sociedade atual o preconceito não pode ter lugar, visto que a acessibilidade e inclusão se fazem presentes nas discussões atuais, implicando não apenas em aceitação e tolerância às diferenças, mas possibilitando a convivência absoluta com a diversidade humana, arrebatando amplamente os tesouros que delas provém. Assim como a acessibilidade e a inclusão, o acesso à informação tem importância significativa no desenvolvimento da sociedade, contribuindo para a formação intelectual e crítica dos indivíduos e maior independência para lidarem com toda a sorte de assuntos. A crescente busca informacional percebida inclusive nos círculos sociais dos musicistas com deficiência visual traz reflexões que precisam ser exploradas para que ocorram melhores práticas inclusivas e acessíveis. Reflexiona-se que os atores das bibliotecas, atuando com um sentimento de alteridade, podem elaborar projetos para transporem as barreiras no acesso à informação – útil, atual e de qualidade – tendo o cuidado de auxiliar no processo de apropriação da informação e praticar a mediação da informação, oferecendo as circunstâncias substanciais para a efetivação desse processo.

As bibliotecas, envolvidas no processo de ignorância e saber, precisam ser desafiadas a participarem ativamente na inclusão informacional desses indivíduos, apartando-se da indiferença e contribuindo para a transformação da realidade em uma sociedade igualitária e preocupada em atender a mais ampla rede de usuários. Os musicistas com deficiência visual, especificamente, são usuários potenciais esquecidos por muitas bibliotecas Brasil afora, visto que a quantidade e qualidade do acervo disponível em formatos acessíveis estão aquém do desejado/ esperado para estudos e pesquisas na área de Música. A preocupação com a disponibilização e disseminação de informações que sejam acessíveis precisa ser constante, visando a satisfação das necessidades informacionais dos usuários, e, essa situação precisa ser pensada para garantir o acesso a meios tradicionais e tecnológicos, visto que a utilização de tecnologias e a estimulação destas no cotidiano de indivíduos cegos pode ser um meio para apreender informações que de outro modo não conseguiriam, inclusive na área musical.

As bibliotecas estão inseridas em um ambiente diversificado e a dificuldade para descobrir respostas morais para os desafios à frente são constantes, cabendo a elas as mudanças necessárias nas práticas bibliotecárias, abrindo caminho para congregarem valores ligados à ética, justiça e direitos humanos no âmbito profissional. A capacitação dos profissionais envolvidos revela a qualidade do atendimento disponibilizado aos usuários com

deficiência, assunto significativo quanto a assumir sua tarefa de disseminador da informação para o crescimento intelectual e cultural dos usuários.

A privação de informação que constrange os musicistas cegos fundamenta a inevitabilidade de profissionais da informação interpretarem com inteligência os procedimentos utilizados para a busca informacional e empenharem-se, utilizando o que estiver a seu alcance, para prestarem assistência a esses usuários. As universidades e instituições se enquadram nesse aspecto na medida em que tornam democrático o acesso à sala de aula e o envolvimento desses sujeitos na sociedade, discutindo e analisando a situação atual e buscando melhores práticas e condições para proporcionarem um ambiente adequado e acolhedor a esses indivíduos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. A. Mediação cultural e da informação: considerações socioculturais e políticas em torno de um conceito. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 8., 2007. Salvador. **Anais eletrônicos[...]** Salvador: ENANCIB, 2007.

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Leitura, mediação e apropriação da informação. *In*: SANTOS, J. P. (Org.). **A leitura como prática pedagógica na formação do profissional da informação**. Rio de Janeiro: Fund. Biblioteca Nacional, 2007.

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Mediação da informação e múltiplas linguagens. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, Brasília, v. 2, n. 1, p. 89-103, jan./dez. 2009.

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Mediação da informação: um conceito atualizado. *In*: BORTOLIN, S.; SANTOS NETO, J. A.; SILVA, R. J. (Org.). **Mediação oral da informação e da leitura**. Londrina: ABECIN, 2015.

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Profissional bibliotecário: um pacto com o excludente. *In*: BAPTISTA, S. G.; MUELLER, S. P. M (Org.). **Profissional da informação: o espaço de trabalho**. Brasília: Thesaurus, 2004. (Estudos Avançados em Ciência da Informação v.3).

ANTUNES, W. A.; CALVANCANTE, G. A. **Manual de treinamento de pessoal responsável por biblioteca pública**. Brasília: Fundação Nacional, 1989.

BONILHA, F. F. G. **Leitura musical na ponta dos dedos**: caminhos e desafios do ensino de musicografia braille na perspectiva de alunos e professores. 2006. 233 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Estadual de Campinas, 2006.

XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC

BONILHA, F. F. G.; CARRASCO, C. R. Ensino de musicografia braille: um caminho para a educação musical inclusiva. *In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA*, 17., 2007, São Paulo. **Anais eletrônicos[...]** São Paulo, 2007.

BORGES, J. A. S. DOSVOX um novo acesso dos cegos à cultura e ao trabalho. **Benjamin Constant**, Rio de Janeiro, n. 3, maio 1996.

BORTOLIN, S. **Mediação oral da literatura**: a voz dos bibliotecários lendo ou narrando. 2010. 232 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010.

CAMPELLO, B. O movimento da competência informacional: uma perspectiva para o letramento informacional. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 3, p. 28-37, 2003.

CONEGLIAN, A. L. O.; SILVA, H. C. Biblioteca inclusiva: perspectivas internacionais para o atendimento a usuários com surdez. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 7., 2013, João Pessoa. **Anais eletrônicos[...]** João Pessoa: 2013.

DUARTE, A. B. S. Mediação da informação e estudos de usuários: interrelações. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, v. 3, n. 1, p. 70-86, jan./jun. 2012.

FADEL, B. *et al.* Gestão, mediação e uso da informação. *In: VALENTIM, M. (Org.). Gestão, mediação e uso da informação*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

GARCIA, C. L. S.; ALMEIDA JÚNIOR, O. F.; VALENTIM, M. L. P. O papel da mediação da informação nas universidades. **Revista EDICIC**, Marília, v. 1, n. 2, p.351-359, abr./jun. 2011.

GOMES, H. F. A Mediação da informação, comunicação e educação na construção do conhecimento. **DataGramZero** – Revista de Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, fev. 2008.

GOMES, H. F. A dimensão dialógica, estética, formativa e ética da mediação da informação. **Informação e Informação**, Londrina, v. 19, n. 2, p. 46-59, maio/ago. 2014.

MOREIRA, L. C.; BOLSANELLO, M. A.; SEGER, R. G. Ingresso e permanência na Universidade: alunos com deficiência em foco. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 41, p.125-143, jul./set. 2011.

PERROTTI, E.; PIERUCCINI, I. Infoeducação: saberes e fazeres da contemporaneidade. *In: LARA, M. L. G.; FUJINO, A.; NORONHA, D. P. (Org.). Informação e contemporaneidade: perspectivas*. Recife: Néctar, 2007.

PUPO, D. T. Acessibilidade e inclusão: o que isso tem a ver com os bibliotecários? *In: PUPO, D. T.; MELO, A. M.; FERRÉS, S. P. (Org.). Acessibilidade: discurso e prática no cotidiano das bibliotecas*. Campinas: UNICAMP/ Biblioteca Central Cesar Lattes, 2006.

SANTOS, C. E. C. Um olhar sobre as diferenças: cidadania, música e a escola inclusiva. **Cadernos do Colóquio**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, 2008.

SANTOS NETO, J. A. **Mediação implícita da informação no discurso dos bibliotecários da biblioteca central da Universidade Estadual de Londrina (UEL)**. 2014. 195 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual Paulista — Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Filosofia e Ciências, Campus de Marília/SP, 2014.

SANTOS NETO, J. A.; ALMEIDA JÚNIOR, O. F.; VALENTIM, M. L. P. Sociedade da Informação, do conhecimento ou da comunicação? A questão da apropriação da informação. In: SEMINÁRIO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (SECIN), 5., 2013. **Anais eletrônicos[...]** Londrina: UEL, 2013.

SILVA, H. O. P.; BARBOSA, J. S. A relação deficiente visual e biblioteca universitária: a experiência do Centro de Atendimento ao Deficiente Visual – CADV da Universidade Federal de Minas Gerais. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, Minas Gerais, v. 1, n. 1, mar. 2011.

SILVEIRA, J. G. Biblioteca inclusiva?: repensando barreiras de acesso aos deficientes físicos e visuais no Sistema de Bibliotecas da UFMG e revendo trajetória institucional na busca de soluções. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 11., 2000, Florianópolis. **Anais[...]** Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2000.

SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP. **Laboratório de acessibilidade**. [2017?]. Disponível em: <http://143.106.108.41/portal/index.php/servicos/laboratorio-de-acessibilidade>. Acesso em: 28 fev. 2017.

SOUZA, M. S. *et al.* Acessibilidade e inclusão informacional. **Informação e Informação**, Londrina, v.18, n.1, p.1-16, jan./abr. 2013.

VALENTE, J. A. **Liberando a mente**: computadores na educação especial. Campinas: Unicamp, 1991.

WALLING, L. L. Educating students to serve information seekers with disabilities. **Journal of education for library and information science**, Spring, v. 45, n. 2, p.137-14, 2004.

AGRADECIMENTO

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001.